

Uso de mandalas formativas no processo ensino-aprendizagem remoto: relato de experiência à luz da pedagogia freireana

Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto Marinho¹, Rafael Bezerra Duarte², Lorrainy da Cruz Solano³, Maria Rocineide Ferreira da Silva⁴

Resumo

O contexto proporcionado pela COVID-19 trouxe modificações em múltiplas áreas, especialmente na educação, em que professores necessitaram de diversos recursos para desenvolverem atividades de forma remota, a exemplo das mandalas que, no ensino em saúde, configuram-se como as dobras e brechas que se abrem na concepção de formação e produção de conhecimento. Este estudo objetiva descrever a experiência do uso de mandalas formativas no ensino remoto à luz da pedagogia freireana. Trata-se de um relato de experiência vivenciado a partir de uma disciplina ministrada em um programa de saúde coletiva de uma universidade do nordeste brasileiro durante os meses de agosto e setembro de 2020. A disciplina contou com nove encontros virtuais, sendo que em três deles foram utilizadas as mandalas como estratégia de ensino. As mandalas demonstraram-se relevantes ao processo ensino-aprendizagem, oportunizando momentos de debates e reflexões com os conceitos nela imbricados, apresentando peculiaridades e diferenciando-se umas das outras pelas suas características. Por meio delas tornou-se possível externalizar sentimentos, saberes, experiências acadêmicas e profissionais, além do atravessamento com a pedagogia freireana. Faz-se necessário que experiências como essa sejam divulgadas nos diversos cenários de ensino, propagando estratégias que sejam facilitadoras da aprendizagem com reflexão e compromisso de transformação da(s) realidade(s).

Palavras-chave

Educação. Ensino em saúde. Ensino remoto. Mandalas. Paulo Freire.

¹ Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde na Universidade Estadual do Ceará, Brasil; enfermeira da Secretaria Estadual de Saúde do Ceará - Hemocentro Regional de Crato, Ceará, Brasil. E-mail: mirna.neyara@gmail.com.

² Mestrando em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Ceará, Brasil; professor no Centro Universitário Vale do Salgado, Ceará, Brasil. E-mail: rafaelduarte@univs.edu.br.

³ Doutora em Enfermagem pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil; enfermeira assistencial da Prefeitura Municipal de Mossoró, Ceará, Brasil, membro da Associação Rede Unida. E-mail: lorrainycs@gmail.com.

⁴ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Ceará, Brasil; professora adjunta do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará, Brasil; membro do GT de Educação Popular e Saúde da Abrasco; membro da Associação Rede Unida. E-mail: rocineideferreira@gmail.com.

Use of formative mandalas in the remote teaching-learning process: an experience report in the light of Freire's pedagogy

Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto Marinho⁵, Rafael Bezerra Duarte⁶, Lorrainy da Cruz Solano⁷
Maria Rocineide Ferreira da Silva⁸

Abstract

The context provided by COVID-19 brought changes in multiple areas, especially in education, in which teachers needed several resources to develop their activities remotely, such as mandalas that, in health education, are configured as folds and gaps that open up in the conception of training and knowledge production. Therefore, this study aims to describe the experience of using formative mandalas in remote education in the light of Freire's pedagogy. This is an experience report lived from a discipline taught in a public health program at a university in northeastern Brazil during the months of August and September 2020. The discipline had nine virtual meetings, three of which mandalas were used as a teaching strategy. The mandalas proved to be relevant to the teaching-learning process, providing opportunities for debates and reflections with the concepts imbricated in it, presenting peculiarities and differentiating from each other by their characteristics. Through them, it became possible to externalize feelings, knowledge, academic and professional experiences, in addition to crossing with Freire's pedagogy. It is necessary that experiences like this become disseminated in different teaching scenarios, propagating strategies that facilitate learning with reflection and commitment in order to transform realities.

Keywords

Education. Health education. Remote teaching. Mandalas. Paulo Freire.

⁵ PhD student in Clinical Care in Nursing and Health, State University of Ceará, Brazil; nurse at the Ceará State Health Department, Brazil. E-mail: mirna.neyara@gmail.com.

⁶ Master degree student in Public Health, State University of Ceará, Brazil; professor at the Vale do Salgado University Center, Ceará, Brazil. E-mail: rafaelduarte@univs.edu.br.

⁷ PhD in Nursing, State University of Rio Grande do Norte, Brazil; assistant nurse at the Municipality of Mossoró, Ceará, Brazil; member of the Rede Unida Association. E-mail: lorrainycs@gmail.com.

⁸ PhD in Public Health, Federal University of Ceará, Brazil; adjunct professor at the Health Sciences Center at the State University of Ceará, Brazil; member of Abrasco's Popular Education and Health working group; member of the Rede Unida Association. E-mail: rocineideferreira@gmail.com.

Introdução

A formação em saúde passa por transformações que atendam às mudanças do sistema, das demandas em saúde e do perfil populacional, necessitando incorporar estratégias pedagógicas de ensino a partir de uma abordagem centrada no estudante, em que esse possa transitar da dependência do professor à autonomia e elaboração de seu conhecimento no cumprimento das atividades educacionais propostas (MACEDO *et al.*, 2018).

Nesse sentido, a universidade necessita atuar em um contexto que possibilite uma interface com a sociedade, tanto nos cursos de graduação como na pós-graduação, com flexibilidade e capacidade de adaptação na trajetória de seus estudantes, preservando valores expressos nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, vislumbrando a formação de profissionais em saúde críticos, reflexivos e transformadores de sua realidade (MACEDO *et al.*, 2018; RIVAS; SILVA, 2020).

Para tanto, os professores envolvidos nesse processo necessitam priorizar e desenvolver metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem numa perspectiva que seja significativa aos estudantes.

As Instituições de Ensino Superior (IES), por meio de seus docentes, estiveram em um enorme desafio proporcionado a partir da pandemia COVID-19, deflagrada como tal em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), alterando sobremaneira a forma de conduzir as atividades educacionais. No caso das IES que se estruturavam na modalidade presencial, necessitaram, para tanto, seguir com a formação de maneira remota, utilizando-se das Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (NUNES, 2020; SOUSA *et al.*, 2020).

No que se refere à modalidade de estratégia necessária emergencialmente para redução de prejuízos de aprendizagem, recriando um modelo educacional com planejamento diferenciado de aulas, autores ressaltam que mesmo com a retomada das aulas em todos os cenários de ensino, ela poderá ser utilizada no período pós-pandêmico como estratégia complementar (SOUSA *et al.*, 2020; JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020).

Os recursos e atividades utilizadas podem apresentar algumas barreiras, independente das ferramentas serem síncronas – ocorridas virtualmente no mesmo instante – ou assíncronas – desconectadas do momento real –, considerando tamanho da turma, acesso à internet e participação dos estudantes nesse cenário (HODGES *et al.*, 2020).

Assim, professores precisaram recorrer a diversos recursos de maneira a garantir um maior envolvimento de seus educandos. Uma das possibilidades vislumbradas trata-se do uso de mandalas, possível de serem desenvolvidas e apresentadas mesmo no ambiente remoto.

A mandala é uma expressão sânscrita que traz como significado círculo ou centro, com figuras organizadas concêntrica representando o micro e o macrocosmo, com detalhes que são visíveis em diversos elementos da natureza, além da possibilidade de ser encontrada na produção humana através da arte e da cultura, potencializando a prática pedagógica através dessa circularidade (CLARO; LIMA, 2018).

Pinheiro (2018) contempla que mandala representa também círculo mágico ou concentração de energia, além de ser conhecida universalmente como o símbolo da integração e da harmonia, refletindo, no âmbito do ensino, a visão do grupo que a desenvolveu, em um tempo e espaço determinados acerca de determinado conteúdo/temática.

No ensino em saúde, as mandalas configuram-se como as dobras e brechas que se abrem na concepção de formação e produção de conhecimentos, oportunizando aos discentes a apresentação de suas experiências, pensamentos, sentimentos e intuições (PEDROSA, 2016).

O uso de mandalas na formação pode representar os ensinamentos de Paulo Freire, uma vez que ele considera a educação como uma construção coletiva contínua na busca pela autonomia de conhecimento, pensamento crítico, reflexivo e contextualizado (FARACO *et al.*, 2020). Freire (2011a) reforça que o diálogo e o respeito pelo saber do outro representam a base do processo educativo, destacando que não há saberes maiores ou menores, e sim diferentes.

Destarte, pode-se considerar a utilização da mandala como uma importante estratégia de ensino-aprendizagem pela construção individual e/ou coletiva do símbolo, possibilitando ao estudante não apenas a externalização de seus saberes, mas a escuta atenta e reflexiva dos demais.

Nesse entendimento, o estudo apresenta como objetivo descrever a experiência do uso de mandalas no ensino remoto no contexto da pandemia COVID-19 à luz da pedagogia freireana.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência elaborado no contexto da disciplina *Educação popular e escola na perspectiva da promoção da saúde*, ministrada em um programa de pós-

graduação *stricto sensu* em saúde coletiva do nordeste brasileiro. A disciplina busca proporcionar aos discentes um espaço de discussão e reflexão ampla sobre a promoção da saúde e sua interface com a escola no contexto da saúde coletiva em articulação com a educação popular, reforçando a escola como um equipamento social promotor de saúde.

A experiência ocorreu durante os meses de agosto e setembro do ano de 2020, período de duração da disciplina, com um total de nove encontros síncronos oportunizados pela ferramenta *Google meet*. A disciplina possui 30 horas de carga horária em sua matriz curricular.

Mesmo tendo ocorrida integralmente de maneira remota, houve interação em todos os encontros, tanto por vídeo e áudio como pelo chat (no caso de perguntas à professora responsável pela disciplina ou aos participantes externos). Ressalta-se que, apesar das dificuldades de conexão de internet em algumas situações, e considerando que em virtude do contexto pandêmico os pós-graduandos encontravam-se em suas residências, muitas situadas no interior nordestino, a presença deles nas aulas era quase sempre unânime.

Ocorreu a participação de estudantes de mestrado e de doutorado de diversas categorias profissionais do programa e uma participante vinculada a outro programa da universidade, totalizando treze pós-graduandos.

A modalidade de relato de experiência foi selecionada por tratar-se de uma metodologia que permite a sistematização de experiências, sendo um caminho intermediário entre sua descrição e a reflexão teórica, promovendo, para tanto, uma reconstrução coordenada através de análise, síntese, indução, dedução e interpretação crítica dos episódios vivenciados, considerando o contexto histórico no qual os sujeitos estão inseridos e a partilha do que foi apreendido (HOLLIDAY, 2006).

As estratégias utilizadas para as aulas foram dinâmicas iniciais e exposição dialogada com discussão e reflexão de textos e livros indicados previamente, exposição de vídeos, relatos de experiências dos pós-graduandos, apresentação de estudos de casos, participação de convidados externos, construção e compartilhamento de mandalas e apresentação final da disciplina a partir de um portfólio.

No transcorrer das atividades desenvolvidas, mais precisamente no 1º, 4º e 7º encontros, a principal estratégia de ensino-aprendizagem utilizada foi a elaboração das mandalas, formulando-se a partir dessa construção conhecimentos, sentimentos e anseios, de acordo com as temáticas trabalhadas no ambiente remoto, pautadas nos saberes prévios e experiências relacionadas.

Além disso, a construção de mandalas para o debate da Educação Popular em Saúde (EPS) no contexto escolar tomou por alicerce a pedagogia freireana, uma vez que ela considera a educação como uma construção contínua da coletividade, objetivando autonomia, pensamento crítico, reflexivo, e contextualizado dos educandos (FREIRE, 2011a).

No presente estudo, optou-se pela denominação mandala formativa, considerando que ela se propõe a uma formação ativa, que se refere a uma aprendizagem materializada, seja no campo do ensino, da pesquisa ou da gestão (SOLANO, 2020).

No que se refere aos aspectos éticos, o estudo dispensa o registro/avaliação pelo sistema do Comitê de Ética em Pesquisa / Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, pelo seu formato e metodologia.

Descrição da experiência

A disciplina trouxe a experiência de conhecer, vivenciar, e elaborar mandalas formativas em encontros remotos, compreendidas como uma alternativa possível ao ensino-aprendizagem a partir dos debates e reflexões com os conceitos nela imbricados, em que os pós-graduandos relatavam em cada “brecha” da mandala suas histórias de vida, situações relacionadas e sentimentos envolvidos, articulando com as temáticas propostas para a aula.

Diversas representações foram postas pelos estudantes, que, imersos no processo de produção de suas mandalas, conseguiam potencializar o que elas representam – “vida”, vida sentida e que não pode ser dissociada da formação.

Nessas produções, a docente responsável pela disciplina solicitava aos estudantes materiais como papel, cartolina e post-it de diversos tamanhos e cores, assim como lápis de cor, giz de cera, pincéis, tesoura, cola, retalhos de tecidos e objetos diversos que estimulassem a criatividade. A proposta era exposta de acordo com as leituras prévias, trazendo sentidos às temáticas atravessadas pelos pensamentos de Paulo Freire.

No primeiro encontro foi recomendada a realização de leitura prévia da obra *Pedagogia do Oprimido* e do *II Caderno de Educação Popular em Saúde* (FREIRE, 2013a; BRASIL, 2013), considerando como ponto de partida as palavras *escola*, *educação popular* e *promoção da saúde* para a construção da mandala, que seria pensada a partir da interface saúde e educação.

Cada mandala foi apresentada a partir do conhecimento e experiências, conforme ilustração abaixo:

Foto 1 – Mandalas construídas no primeiro encontro

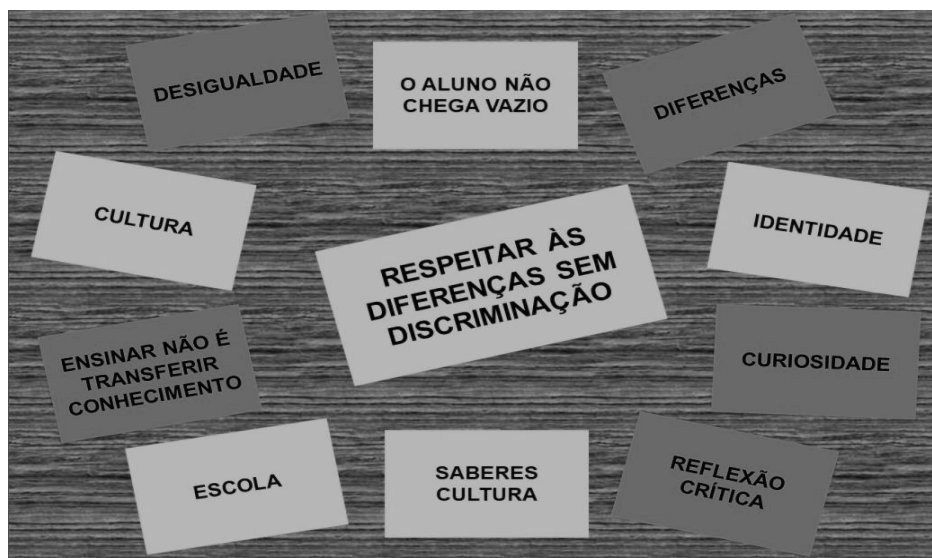


Fonte: Arquivo de registros pedagógicos dos autores (2020).

Dando sequência à proposta das mandalas, o quarto encontro tomou como base a leitura das obras *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 2011a; FREIRE, 2013a).

A partir da compreensão das leituras, cada pós-graduando destacou uma palavra-chave, e, posteriormente, ocorreu o debate acerca dos materiais, com a construção de uma mandala única, confeccionada pela docente da disciplina a partir das palavras emanadas pelo grupo.

Foto 2 – Mandala do grupo a partir das palavras-chave



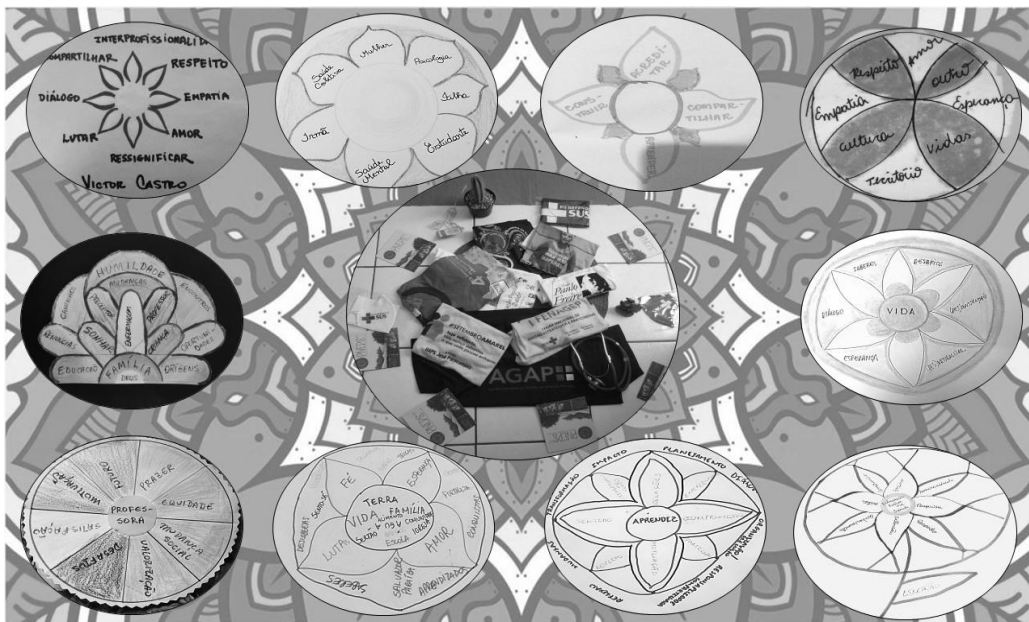
Fonte: Arquivo de registros pedagógicos dos autores (2020).

As palavras destacadas foram “respeitar às diferenças sem discriminação”, (ao centro), “o aluno não chega vazio”, “diferenças”, “identidade”, “curiosidade”, “reflexão crítica”, “saberes-cultura”, “escola”, “ensinar não é transferir conhecimento” e “desigualdade” (nas extremidades).

No sétimo encontro, tomou-se como referência a tese intitulada: *Mandala formativa e a unidade básica de saúde escola: as residências em saúde nos cenários de práticas na atenção básica* (SOLANO, 2020), de maneira que esteve presente nesse momento, como convidada, a autora da pesquisa, que apresentou definições sobre a mandala, suas experiências durante o período de coleta de dados utilizando esse recurso e a simbologia das cores empregadas nas mandalas elaboradas a partir de seus encontros com os residentes.

Para tanto, os educandos foram instigados a construir uma mandala de representação de vidas, tanto no âmbito pessoal, como no acadêmico e/ou profissional.

Foto 3 – Mandalas do nosso coletivo



Fonte: Arquivo de registros pedagógicos dos autores (2020).

Teorizando e aprofundando o aprendizado com mandalas sob a ótica de Paulo Freire

Como a disciplina que serviu de base para a construção deste relato alicerça-se nas bases epistêmicas da Educação Popular (EP), mais precisamente da EPS no contexto da promoção da saúde escolar, faz-se importante contextualizá-las nesse debate.

A EP configura-se como uma perspectiva de educação que considera, de maneira protagônica, os saberes, as múltiplas realidades culturais em processos de trabalho social, em

espaços formativos e na construção de conhecimento, e, portanto, a EPS objetiva subsidiar a transformação das práticas tradicionais de saúde em ações concretas da realidade que possam superar os modelos biomédicos, newtonianos e cartesianos de cuidado em saúde, possibilitando o empoderamento cultural e intelectual dos sujeitos no âmbito do cuidado, primando pela qualidade de vida destes (CRUZ; CARVALHO; ARAÚJO, 2018).

No que tange à EPS, faz-se imprescindível um processo formativo que articule teoria e prática, inclusão de saberes e protagonismo de educandos, aprendendo quando se apropria do aprendido e transformando-o em apreendido, reinventando-o e tornando-o aplicável a situações concretas (DANTAS; SILVA; CASTRO JÚNIOR, 2020).

Dessa forma, no transcorrer da formação de profissionais de saúde, seja no âmbito da graduação e/ou pós-graduação, a EPS necessita ser dialogada a partir de estratégias concernentes aos seus propósitos e à sua filosofia, de maneira que a utilização de mandalas nos espaços pedagógicos e culturais, apresenta-se como uma possibilidade de fortalecimento de vínculos e de respeito às múltiplas realidades.

O trabalho com mandalas é compreendido a partir de uma abordagem sensível na educação, remetendo-se a uma dimensão diferenciada, apresentando como características:

1. O saber sensível presente nas linguagens artísticas e no componente lúdico;
2. Ênfase no sujeito (educando) como ser autônomo e criativo;
3. Eixo pedagógico parte da compreensão que não há inteligibilidade sem sensibilidade;
4. As metáforas criativas devem conduzir à imaginação, ao pensar criativo;
5. Professor e alunos como mediadores (mediação didática compartilhada);
6. Vigoram métodos criativos, ativos e participativos;
7. Conteúdos regidos pelo professor em consonância com as necessidades e desejos dos alunos (D'AVILA; FERREIRA, 2018, p. 35-36).

Nas mandalas, há sempre um ponto de partida, e isso representa também um pouco do que cada um pensa e faz, pois ela tanto pode ser iniciada pelo centro como pelas extremidades, no entanto, independentemente de por onde se comece, existem características em comum de respeito aos saberes e experiências. As mandalas apresentam peculiaridades e diferenciam-se umas das outras pelas suas características, demonstrando potencial para o ensino e o aprendizado em qualquer tempo e cenário, e que o contemplado em suas extremidades não é menos importante que o existente no centro, pois o centro só se faz pela existência da extremidade. É, portanto, conexão e totalidade, um todo de importância e essência (FERREIRA, 2020).

O trabalho a partir do desenvolvimento de mandalas, de acordo com cada temática a ser trabalhada, traz a essência da pedagogia libertadora freireana, numa perspectiva de construção de conhecimento atrelada aos saberes dos educandos e suas experiências de vida, adotando uma postura de problematização do conhecimento (GOMES; GUERRA, 2020).

Para tanto, os docentes precisam criar as possibilidades para a produção e/ou construção do conhecimento pelos discentes, num processo em que ambos não se diminuem à condição de objeto um do outro, em que este conhecimento necessita ser vivenciado e testemunhado pelo agente pedagógico (FREIRE, 2011a).

Destarte, a possibilidade de trabalhar com mandalas na formação possibilita a ampliação e o fortalecimento do vínculo docente/discente numa relação de horizontalidade, afeto e troca, oportunizando condições para uma conexão sensível e dialógica.

Essa perspectiva dialógica proporcionada pela apresentação das mandalas coaduna com os pressupostos freireanos na perspectiva de que o diálogo apresenta compromisso de ação e poder de transformação a partir da reflexão por este gerada, problematizando assim o fazer-pedagógico (FREIRE, 2013a).

Nesse direcionamento, o diálogo através de mandalas demonstra que entre os vários elementos contidos no círculo que as compõem, a aprendizagem não se faz de forma linear, mas cíclica, pela sua capacidade de renovação, construção e reconstrução contínua (CLARO; LIMA, 2018).

As mandalas apresentadas nas fotos 1, 2 e 3 representam visualmente a linguagem desenvolvida nos encontros remotos da disciplina, demonstrando que imagens podem também comunicar e transmitir ideias.

No primeiro encontro em que se trabalhou com as mandalas, o debate esteve centrado, em especial, na obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, problematizando-se o texto com as temáticas escola, educação popular e promoção da saúde.

Freire ressalta que a educação é o meio que o indivíduo tem para elevar sua classe social e se libertar, sendo autor de sua própria história, tomando decisões por si só e não por convenção da sociedade. Ele denomina de pedagogia libertadora o processo no qual o educador é responsável por essa autonomia dos educandos, adotando uma pedagogia baseada no diálogo problematizante, com participação e exposição de suas visões de mundo, transformando a consciência ingênua em crítica (FREIRE, 2013a).

Assim, nesse encontro, o grupo discorreu que a escola, considerada um equipamento social de extrema relevância, necessita romper com práticas tradicionais e mecanicistas que não despertem para essa consciência crítica. Em se tratando do público adolescente e jovem, é

um momento bastante oportuno para que os professores dialoguem sobre diversas temáticas, em especial que se aproximem do seu cotidiano. E, no que se refere à saúde, um repensar que supere a visão biologicista de cuidado oferecido apenas nos serviços de saúde, trazendo nas disciplinas, de forma transversal, o autocuidado, a influência da cultura em suas práticas de cuidado, as questões de gênero, a violência e o bullying, dentre outras inúmeras possibilidades, empoderando-os nesse processo e na construção de suas personalidades.

A leitura do II Caderno de Educação Popular em Saúde, do Ministério da Saúde, fez-nos compreender o quanto a educação em saúde é uma prática transversal e que deve ser fomentada em todos os níveis do sistema de saúde e, na escola, faz-se necessário o debate acerca da cidadania, da saúde e de como as condições sociais e econômicas trazem impacto à sua presença ou ausência, de maneira que esses sujeitos tornem-se cada vez mais reflexivos e capazes de compreender as políticas que os cercam, incluindo as de saúde, lutando por melhores condições de vida e por serviços de saúde que atendam às suas necessidades e demandas, caracterizando assim, a participação e o controle social.

Esse debate também ressaltou bastante a potência do Programa Saúde na Escola (PSE), política pública do Estado instituída no país através do Decreto nº 6.286/2007, que busca promover a integração e articulação permanente entre as políticas de educação e saúde, prevendo a inserção de outros setores e atores, a depender da organização de cada território, trazendo em seu escopo fundamental os princípios da integralidade, intersetorialidade, interdisciplinaridade e territorialidade, sendo, para tanto, apontado como uma das principais iniciativas para crianças, adolescentes e jovens no país (SOUSA; ESPERIDIÃO; MEDINA, 2017; BARBIERI; NOMA, 2017).

O PSE está estruturado em três componentes de ações e de metas, sendo o componente I o de “Avaliação clínica e psicossocial dos escolares”, o componente II “Promoção da saúde e prevenção de agravos” e o componente III “Formação dos profissionais de saúde e educação” (GUIMARÃES; SOARES; MAZURECK; 2018).

No entanto, o grupo ressaltou o quanto o programa ainda está materializado em práticas tradicionais, no que se refere ao componente II, considerando que os profissionais reproduzem o modelo biologicista, centrado na figura do profissional, sem envolvimento e participação ativa desse público, e que há um distanciamento nessa articulação intersetorial, inviabilizando o que o programa propõe em seus objetivos e diretrizes.

Assim, percebe-se que é preciso romper com essa educação centrada no profissional, seja ele da educação ou da saúde, tanto na formação (graduação e licenciatura), como nas

práticas em serviço. As estratégias e metodologias de ensino-aprendizagem são indispensáveis a essa mudança, sendo, pois, a mandala uma dessas alternativas.

Destaca-se também a sensibilização e incentivo constante da docente responsável pela disciplina, ao ato de ler, em uma proposição de leitura que estimulasse a interpretação, a reflexão e a criticidade. Propor essas leituras de forma prévia e trazendo a mandala como uma articuladora das temáticas, consolidou a participação e a criatividade dos pós-graduandos.

Nessa perspectiva, Freire ressalta que a leitura de mundo precede à leitura da palavra e que ambas são fundamentais à formação, concebida e compreendida como ato de conhecimento, ato criador e ato político, que almeja a reconstrução de uma sociedade através de uma participação consciente, com ação e pensamento, prática e teoria, sempre em unidade (FREIRE, 2011b).

Para Yunes (2011), por meio da leitura crítica, discentes apreendem e aprendem a manifestar-se sobre o conhecimento adquirido, possibilitando dialogar a respeito do que leu com tomada de posição.

A foto 2 representa o que os pós-graduandos compreenderam através das leituras das obras *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*. O grupo reforçou em *Pedagogia da Autonomia* o quanto a escola, através de seus professores, deve respeitar os saberes e os conhecimentos de seus educandos, conhecendo suas experiências de vida para a promoção do debate, ultrapassando o que está determinado nas matrizes curriculares (FREIRE, 2011a).

Em *Pedagogia da Esperança*, Freire retoma o contemplado em *Pedagogia do Oprimido*, mas com uma proposta de esperança consolidada na ação, de que com a educação é possível a transformação social (FREIRE, 2013b).

Com essa proposta, as discussões foram tecidas, refletindo-se acerca da importância do conhecimento para a conquista da autonomia, motivação, desejo de mudança e especialmente, de um conhecimento desenvolvido com base na solidariedade, no respeito às diferenças e no entendimento das desigualdades com vistas à equidade.

Já a terceira foto representou as dimensões de vida dos pós-graduandos, a partir de suas expectativas profissionais e acadêmicas, mas também enquanto cidadãos, considerando responsabilidades e o desejo cada vez maior de desenvolver um trabalho com compromisso, ética, empatia e transformação de vidas.

Cada pós-graduando expôs sua mandala fundamentando-se nos conhecimentos oriundos da disciplina a partir da EPS, da pedagogia freireana e ainda da leitura da tese desenvolvida em Mossoró, no Rio Grande do Norte, com os Programas de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade em Medicina de Família nos cenários

de prática da atenção primária à saúde do estado, em que se usou as mandalas formativas em todo o trajeto de coleta de dados (SOLANO, 2020).

D'avila e Ferreira (2018) referem que as mandalas simbolizam as experiências, os aprendizados e demais compreensões, possibilitando não apenas uma retomada acerca dos conceitos, dos saberes técnicos e da dimensão conteudinal de elementos pedagógicos, mas, também, viabilizando leituras sensíveis dos sujeitos implicados por meio de seus diversos saberes e de suas múltiplas visões, expressas esteticamente e mediadas pela palavra, fazendo uma síntese significativa do que foi/está sendo estudado.

As construções das mandalas nesses encontros remotos oportunizaram, conforme já ressaltado, problematizações inerentes à escola, à promoção da saúde e à educação popular, trazendo a necessidade da intersetorialidade e interdisciplinaridade nesse processo, e o papel relevante da escola na construção de saberes, independente de faixa etária (SILVA; BODSTEIN, 2016).

Para Freire, a mudança de uma sociedade dominante para uma mais justa só se faz possível na contextualização de eventos concretos, no entrelaçamento de contradições para um novo enfrentamento, em que o sujeito deve se assumir como um ser histórico, pensante e capaz de transformar situações, problematizando sua realidade para então modificá-la (FREIRE, 2013c; ANTONINI *et al.*, 2021).

Com a diversidade de categorias profissionais na disciplina e a inserção de alguns deles como docentes em escolas públicas, muitas situações vivenciadas foram relatadas no transcorrer da apresentação das mandalas, com suas realidades problematizadas e refletidas a fim de uma formação pautada no compromisso social e na defesa dos princípios do Sistema Único de Saúde.

Considerações finais

Descrever a experiência dessa disciplina foi para nós um verdadeiro desafio, pois, apesar do formato remoto, a metodologia e estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas trouxeram aproximações em afeto, partilha de conhecimentos e desejo cada vez mais forte de participar de movimentos na escola alicerçados pela educação popular com vistas à promoção da saúde.

A mandala como ponto de partida para este relato foi contemplada pela sua simbologia e significação dos encontros, oportunizando a tessitura de saberes diversos e a elucidação de novos conhecimentos. Para tanto, torna-se indispensável que experiências como estas sejam

divulgadas nos diversos cenários de ensino, acadêmicos e escolares, de maneira a propagar estratégias facilitadoras da aprendizagem com reflexão e compromisso de transformação da(s) realidade(s).

Referências

ANTONINI, F. O. *et al.* Itinerário de pesquisa de Paulo Freire em produções de programas de pós-graduação em Saúde. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 22, n. 2, p. 157-164, mar. 2021. Doi: 10.47456/rbps.v22i2.24517. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/24517>. Acesso em: 3 abr. 2021.

BARBIERI, A. F.; NOMA, A. K. A função social do Programa Saúde na Escola: formação para a nova sociabilidade do capital? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 161-187, jan./mar. 2017. Doi: 10.5007/2175-795X.2017v35n1p161. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n1p161>. Acesso em: 15 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/conteudo/midia/arquivos/miolo-caderno-eps2.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

CLARO, L. C.; LIMA, C. A. Entre rodas e mandalas: uma experiência na formação pedagógica. **Gepesvida**, São José, v. 4, n. 8, p. 95-109, 2018. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/291/129>. Acesso em: 17 out. 2020.

CRUZ, P. J. S. C.; CARVALHO, L. E.; ARAÚJO, R. S. Amorosidade como princípio das práticas de saúde orientadas pela educação popular: um estudo bibliográfico. **APS**, Juiz de Fora, v. 21, n. 4, out./dez. 2018. Doi: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2018.v21.16443>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/16443>. Acesso em: 1º dez. 2020.

DANTAS, M. A.; SILVA, M. R. F.; CASTRO JÚNIOR, A. R. Aprendizagens com o corpo todo na (trans)formação de educadores (as) populares do Curso Livre de Educação Popular em Saúde (EdPopSUS). **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 24, 2020. Doi: 10.1590/Interface.190205. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/9RY7LtvP7MVKFkvBXv36Pkv/?lang=pt#>. Acesso em: 16 ago. 2021.

D'AVILA, C.; FERREIRA, L. G. Concepções pedagógicas na educação superior: abordagens de ontem e de hoje. In: D'AVILA, C.; MADEIRA, A. V. (org.). **Ateliê didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários**. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 21-46. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29316/1/ateliê-didatico-RI.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

FARACO, R. L. P. S. *et al.* Metodologias ativas no mestrado profissional em ensino na saúde: ampliando os espaços de construção do conhecimento. **Research, Society and Development**, Itabira, v. 9, n. 6, p. 1-20, abr. 2020. Doi: 10.33448/rsd-v9i6.3469. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7435448>. Acesso em: 5 dez. 2020.

FERREIRA, L. G. Mandalas pedagógicas no processo ensino-aprendizagem: saberes e sabores na formação docente. **Práxis Educ**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 35, p. 61-76, out./dez. 2020. Doi: 10.22481/praxisedu.v15i35.5660. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5660>. Acesso em: 3 abr. 2021.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013c.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2013b.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013a.

GOMES, C. S. F.; GUERRA, M. G. G. V. Educação dialógica: a perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 4-15, set./dez. 2020. Doi: 10.14393/REP-2020-52847. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/52847/30286>. Acesso em: 12 maio 2021.

GUIMARÃES, C. A.; SOARES, N. V.; MAZURECK, C. O impacto do Programa Saúde na Escola sob a ótica de docentes e profissionais da saúde. **Revista Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Biológicas**, Santo Ângelo, v. 2, n. 1, p. 32-40, 2018. Doi: 10.31512/ricsb.v2i1.2678. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/322642432.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação à distância ou atividade educacional remota emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, Itabira, v. 9, n. 7, p. 1-29, maio 2020. Doi: 10.33448/rsd-v9i7.4299. Disponível em: <http://www.uece.br/ppcclis/wp-content/uploads/sites/55/2020/08/Artigo-1-2.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

HODGES, C. *et al.* Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Rev escola, professor, educação e tecnologia**, Recife, v. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17>. Acesso em: 10 out. 2020.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

MACEDO, K. D. D. S. *et al.* Metodologias ativas de aprendizagem: caminhos possíveis na inovação no ensino em saúde. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1-9, jul. 2018. Doi: 10.1590/2177-9465-EAN-2017-0435. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452018000300704&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

NUNES, J. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, p. 1-4, maio 2020. Doi: 10.1590/0102-311X00063120. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000500501. Acesso em: 20 out. 2020.

PEDROSA, J. I. S. Das possibilidades experienciadas à potência de formar em saúde. *In*: CECCIM, R. B. *et al.* (org.). **In-formes da atenção básica**: aprendizados de intensidade por círculos em rede. Porto Alegre: Rede Unida, 2016. p. 205-216.

PINHEIRO, L. V. R. Mutações na ciência da informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 115-134, set./dez. 2018. Doi: 10.22478/ufpb.1809-4783.2018v28n3.43317. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/43317/22019>. Acesso em: 19 out. 2020.

RIVAS, N. P. P.; SILVA, G. M. Desafios na formação para a docência universitária em cursos de pós-graduação. **Rev. Diálogo Educ**, Curitiba, v. 20, n. 65, p. 797-819, abr./jun. 2020. Doi: 10.7213/http://doi.org/10.7213/1981-416X.20.065.DS13. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/26426>. Acesso em: 23 out. 2020.

SILVA, C. S.; BODSTEIN, R. C. A. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em promoção da saúde na escola. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1777-1788, jun. 2016. Doi: 10.1590/1413-81232015216.08522016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016000601777&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 28 out. 2020.

SOLANO, L. C. **Mandala formativa e a unidade básica de saúde escola**: as residências em saúde nos cenários de práticas da atenção básica. 2020. 141 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SOUSA, M. C.; ESPERIDIÃO, M. A.; MEDINA, M. G. A intersetorialidade no Programa Saúde na Escola: avaliação do processo político-gerencial e das práticas de trabalho. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1.781-1.790, 2017. Doi: 10.1590/1413-81232017226.24262016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/nGRj8mdvwwZHvy6G76MrjfJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2020.

SOUSA, S. M. F. *et al.* Os encontros e desencontros do ensino presencial, à distância e remoto em tempos de COVID-19. **Transformar**, Itaperuna, v. 14 (esp.), p. 38-51, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/374>. Acesso em: 18 out. 2020.

YUNES, E. **Leitores a caminho**: formando agentes de leitura. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

Submetido em 13 de maio de 2021.

Aprovado em 2 de julho de 2021.